INFLUENZA AVIÁRIA E OS RISCOS PARA O MERCADO BRASILEIRO

RODRIGO SILVA[1], FELIPE DE LIMA JUNQUEIRA FRANCO FABBRI[2]

O Brasil é o maior exportador de carne de frango e nunca registrou influenza aviária. Com o quadro de casos da doença na América do Sul, há uma forte apreensão em todo o setor nacional.

A INFLUENZA aviária é uma doença viral altamente contagiosa que afeta principalmente aves domésticas e silvestres. A sua epidemia, geralmente, resulta em consequências severas para as saúdes humana e animal e a economia.

A transmissão do vírus por aves migratórias é a maior problemática na transmissão da doença, pois elas são portadoras, normalmente, assintomáticas. Ao carregar o agente contaminante, podem transmitir o vírus via aerossóis e secreções quando próximas às granjas comerciais.

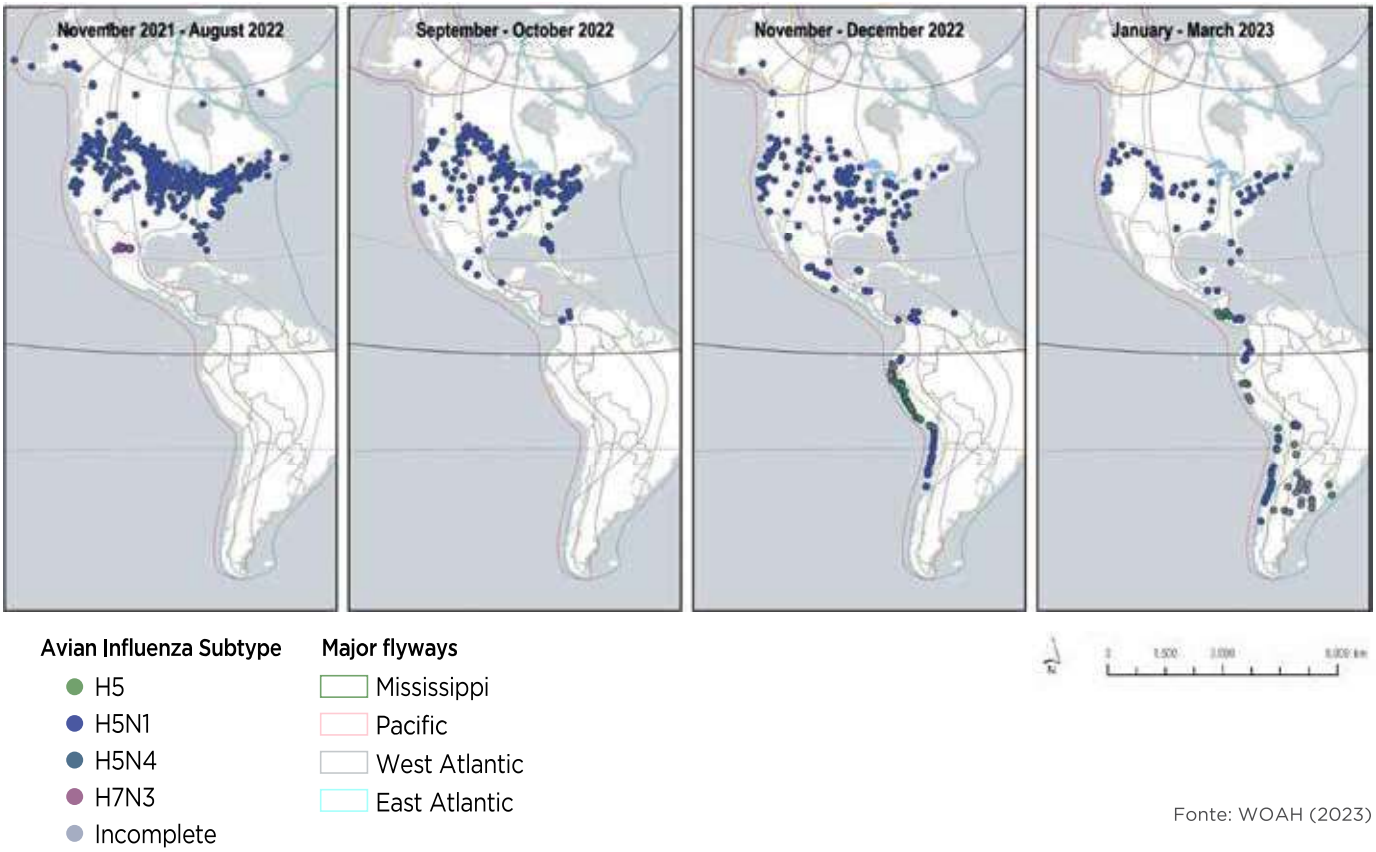
Em 2022, o Brasil exportou 4,43 milhões de toneladas de carne de aves, gerando uma receita de US$ 8,90 bilhões. A China, a Arábia Saudita e o Japão são os principais parceiros comerciais, representando praticamente 40% do faturamento. Os três estados do Sul e São Paulo são as principais origens dessa carne para exportação.

Ao refletirmos sobre o potencial impacto de uma crise sanitária sobre o Brasil, é possível mensurar que

SHUTTERSTOCK



SURTOS DE GRIPE AVIÁRIA E PRINCIPAIS ROTAS DE MIGRAÇÃO DE AVES SELVAGENS



Fonte: WOAH (2023)

ocasionaria uma retração na economia por conta da exportação e da diminuição de empregos diretos e indiretos. Há, também, a questão zoonótica: um surto de gripe aviária seria problemático agora, após o retorno das atividades travadas pela pandemia de COVID-19.

O Brasil nunca teve um caso do vírus. As medidas de segurança sanitária, os programas governamentais em sinergia com o setor privado e a intensa fiscalização proporcionam esse *status*. Há apreensão quanto a países limítrofes que registraram casos e à migração de aves selvagens iniciando-se em direção ao solo nacional.

Porém, as normas rigorosas adotadas pelo Estado, muito provavelmente, conseguirão conter o vírus caso ele entre no solo brasileiro. É imprescindível a fiscalização e que granjas privadas sempre reportem os possíveis casos de influenza aviária o quanto antes, colaborando para que estes tenham o menor impacto possível sobre o Brasil.

A TRANSMISSÃO DO VÍRUS PELA AMÉRICA

Os Estados Unidos são os maiores produtores de carne de frango no mundo. Em 2022, o país produziu 21,0 milhões de toneladas da proteína – um crescimento de 3,0% em relação a 2021. Para este ano, é esperada uma expansão de 1,3%, menos da metade do ano anterior, segundo projeções do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês). Entretanto, o país passa por um grave problema sanitário com a influenza aviária (H5N1), com mais de 58,6 milhões de aves comerciais acometidos pelo vírus.

O início do segundo semestre de 2022 foi marcado pela migração das aves norte-americanas, consideradas reservatórios naturais do vírus, para o sul do continente. Com isso, o H5N1 chegou à América Latina, sendo Equador, Peru, Colômbia e Chile os primeiros países a reportar casos. Logo após a virada do ano, Bolívia, Argentina e Uruguai também relataram casos.

O Brasil reforçou as suas medidas de biossegurança, já consideradas rigorosas – visto que esses países são limítrofes –, visando ao período de migração de aves dos Andes e da Patagônia para o solo brasileiro, entre abril e maio próximos.

Como efeito da crise sanitária vivida nos Estados Unidos, o preço da dúzia de ovos no varejo praticamente quadriplicou ao longo de 2022. No Chile e na Argentina, após casos acometidos em granjas comerciais, a exportação de carne de aves foi interrompida.

O mercado avícola de postura brasileiro é substancial para a segurança alimentar. Apesar do aumento dos preços no atacado e no varejo nos últimos meses, a proteína é a que mais cresceu em consumo ao longo dos anos, além da geração de empregos (diretos e indiretos) e do atendimento a vários mercados internacionais.

A possibilidade de a gripe acometer o Brasil é iminente. Avaliamos os possíveis impactos sobre a cadeia avícola nacional e o mercado de milho considerando alguns cenários prováveis.

CENÁRIO MAIS OTIMISTA

Com a ascensão da gripe aviária nos países vizinhos, é iminente que, em algum momento, o Brasil registre casos da doença. No nosso cenário mais otimista, acreditamos em um quadro em que os relatos se restrinjam apenas a aves silvestres, sem que o vírus afete granjas comerciais.

A produção brasileira não seria afetada, e, em meio aos embargos da exportação de carne de aves em outros países, novos mercados podem ser abertos para a carne de aves proveniente do Brasil.

CENÁRIO PESSIMISTA

O vírus acometeria granjas comerciais de forma ampla, sendo necessário o abate sanitário no País. Deste modo, a possibilidade de um embargo total da exportação de carne de frango passaria a pesar, e, com sobreoferta de carne de frango no mercado doméstico, os preços tenderiam a cair no curto prazo.

As carnes bovina e suína, pressionadas pela competitividade com a carne de frango e a sobreoferta, também sofreriam impactos negativos sobre seus preços.

Além das carnes, a produção de ovos também pode ser comprometida e, em um cenário de preços já elevados por conta de um crescimento mais comedido ante o consumo em 2022, uma redução na oferta pressionaria os preços para cima.

Além das cadeias pecuárias, outro importante setor que será afetado é o de milho. A seguir, apresentamos uma breve conjuntura dos possíveis impactos sobre esse mercado.

CENÁRIO NEUTRO

Nesse cenário, teríamos focos isolados da doença em granjas comerciais em algumas regiões do País. Tal fator resultaria em recortes leves na produção. Entretanto, outras granjas poderiam suprir a oferta deficitária ao reajustar sua produção, uma vez que o ciclo de produção avícola é pequeno, com uma média de 42 dias.

Assim, presume-se que os preços teriam uma guinada positiva menor do que no cenário pessimista abordado anteriormente.

Com focos isolados, existe a possibilidade de que o bloqueio da exportação, se definido, dure um curto período de tempo.

IMPACTOS SOBRE O MERCADO DE MILHO

Apesar da expectativa de uma safra (primeira, segunda e terceira safras) recorde no País (125,0 mil toneladas), os preços do milho devem trabalhar elevados ao longo deste ano, devido às demandas doméstica e externa firmes.

Nas últimas safras (2017/18 a 2022/23), estima-se que o consumo de milho no mercado interno aumentou 36,3%, compondo 80,0 milhões de toneladas consumidos, de acordo com dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Observa-se que o setor de nutrição animal é o principal consumidor no País.

A demanda aumentou não só no mercado doméstico, mas também no mercado internacional, e a exportação brasileira de milho tem crescido ano a ano, configurando o Brasil como segundo maior exportador do cereal no mundo.

Em 2022, exportamos 43,2 milhões de toneladas – um recorde. O mercado foi impulsionado, principalmente nos últimos meses de 2022, pelo início das vendas ao mercado chinês.

Para a safra 2022/23, em função de uma série de fatores de mercado favoráveis ao nosso País (quebra de produção nos Estados Unidos, na União Europeia e na Argentina e conflito entre a Rússia e a Ucrânia), deveremos assumir o posto de maior exportador do mundo, com uma estimativa de 50,0 milhões de toneladas embarcados (segundo dados do USDA), superando os Estados Unidos.

Considerando um cenário pessimista no qual granjas comerciais seriam afetadas no País, haveria uma maior oferta de milho no mercado interno, o que, em um quadro de safra cheia, pressionaria as cotações para baixo.

Além do quadro da demanda, precisamos estar atentos à questão da oferta. A segunda safra de milho está em fase de semeadura e, em importantes regiões produtoras (Mato Grosso e Paraná), uma parte da semeadura está sendo realizada fora da janela ideal, com risco à produtividade estimada.

Assim, em um quadro otimista com relação à gripe aviária (sem efeitos em granjas comerciais), a dinâmica no mercado de milho estaria ligada, principalmente, à produção nacional e à exportação. ■

1 Médico-veterinário da Scot Consultoria
2 Zootecnista da Scot Consultoria